Contribuição de Benedito Nunes à bibliografia rosiana

Sílvio Holanda, Aldo José Barbosa, Loíde Leão dos Santos, Marcellus da Silva Vital, Johann Raphael Gomes Guimarães

Apoiado em um sentido humanístico de formação acadêmica, aberta e de contornos fluidos, o ensaísmo de Benedito Nunes contribuiu para a elucidação crítica de nomes importantes da cultura brasileira, como Farias Brito, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Oswald de Andrade, etc. Em relação a Guimarães Rosa, o professor paraense também trouxe uma interpretação original, cujos contornos se desenham entre a dimensão imagético-poética e o nível conceitual das especulações filosóficas, planos esses articulados por uma constante interpelação da própria linguagem, à luz de pensadores como Heidegger e Sartre.

A produção bibliográfica nunesiana conta com aproximadamente vinte e seis artigos e cinco capítulos de livros. Os textos publicados em jornais e revistas datam do período que vai de 1957 a 2007, perfazendo cinco décadas de uma produção ensaística relevante para os estudos rosianos no Brasil e no exterior. Publicados em revistas brasileiras e estrangeiras ou nos mais importantes suplementos literários nacionais, tais textos abordam, sob diversas perspectivas, temas como a tradução, o menino, o amor, a viagem, etc., com base no estudo interpretativo de diversas obras rosianas como Sagarana, Grande sertão: veredas, Corpo de Baile, Tutaméia, entre outras.

Sintetizar tais textos, cuja dimensão material supera, em muito, o artigo dos nossos dias, levando em consideração sua base teórico-crítica, é uma tarefa que aqui não é possível, contudo salientemos suas linhas de força, centradas em temas fundamentais como a concepção erótica da vida e as relações entre poesia e filosofia. No ensaio "O amor na obra de Guimarães Rosa" (1964), republicado em *O dorso do tigre*, considerando as obras *Grande sertão: veredas, Corpo de Baile* e *Primeiras Estórias*, o crítico postularia a tese da centralidade do amor, no que diz respeito à cosmovisão rosiana:

^{*} Pesquisadores da Universidade Federal do Pará – UFPA.

O tema do amor ocupa, na obra essencialmente poética de Guimarães Rosa, uma posição privilegiada. Em *Grande Sertão: Veredas*, onde aparece entrelaçado com o problema da existência do Demônio e da natureza do Mal, atinge extrema complexidade e envolve diversos aspectos que compõem toda uma idéia erótica da vida.¹

As três espécies de amor existentes na obra rosiana poderiam ser representadas por Otacília (o enlevo), Diadorim (a dúbia paixão pelo amigo), e Nhorinhá (volúpia). Embora os tipos de amor sejam qualitativamente diversos, ocorre uma interpenetração entre eles. Sem recorrer à interpretação alegorizante dos trabalhos de Heloisa Araujo, o professor paraense buscará mostrar que a temati-zação do amor, na obra rosiana, remonta ao platonismo, porém, numa perspectiva mística heterodoxa, "que se harmoniza com a tradição hermética e alquímica, fonte de toda uma rica simbologia amorosa, que expri-me, em linguagem mítico-poética, situada no extremo limite do profano com o sagrado, a conversão do amor humano em amor divino, do erótico em místico."²

A visão erótica da vida, em Guimarães Rosa, segundo Benedito Nunes, permitiria a aproximação entre o profano e o sagrado. Assim, de Nhorinhá a Otacília, há uma como uma ascensão, partindo da explosão erótica de Nhorinhá à imagem angelical de Otacília, objeto ideal, à semelhança do mundo inteligível de Platão. O platonismo está subjacente a essa idéia de amor, uma vez que se pode falar numa espécie de conversão do carnal em espiritual. Em Guimarães Rosa, assim, o amor carnal gera o espiritual e nele se transforma. Tal transformação vincula-se a um misticismo de teor platônico, próximo da teologia cristã, sendo o amor concebido, simultaneamente, como força ascendente e descendente.

Assim, o amor espiritual se apresenta como uma transfiguração do amor físico, transfiguração essa operada pela força impessoal e universal de *Eros*. Assim, pode-se ler os textos de *Corpo de Baile* e o *Grande sertão: veredas* à luz da concepção erótica rosiana, destacando-se a energia corporal não-pecaminosa e a "ausência de degradação e de malícia nas prostitutas, que nem sempre são figuras secundárias, cir-cunstanciais"³. A mulher, nesse contexto, independente de sua idade, mobiliza um fogo, capaz de perdurar até a velhice. Para exemplificar essa idéia o crítico se vale de "A estória de Lélio e Lina".

Benedito Nunes ocupar-se-ia da tradução francesa de Guimarães Rosa em artigo publicado no suplemento literário de *O Estado de São Paulo*, em 14 de setembro de 1963. Lembrando a tradução de fragmentos do *Finnegans Wake* pelos irmãos Campos, define o ato tradutório como interpretativo como interpretativo:

Desse ponto de vista, a tradução é um ato inter-pretativo, ao mesmo tempo crítico e inventivo, que se processa orientado pelo *parti pris* estilístico da obra. Não importa que termos e expressões determinados sejam inconvertíveis, desde que se respeite o fluxo de sentido, a propensão da forma, a direção da linguagem. Se o tradutor passa à categoria de intérprete e, superada a preocupação com a literalidade, resta-lhe o caminho da versão livre, sua liberdade para inventar, não podendo transgredir a ordem infusa do original, nem os limites que a sua própria língua lhe impõe, será, como toda li-berdade, consciência da necessidade.⁴

¹ NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 143.

² Idem, ibidem, p. 145.

³ *Idem*, *ibidem*, p. 143.

⁴ NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 200.

Com base nessa concepção de tradução, o crítico faz diversos reparos à tradução de J. J. Villard, publicada em 1960, pelas Éditions du Seuil, a quem repreende pela falta de força poética dos textos, o que lhes impõe, "na forma de uma prosa bem urdida, um ponto de vista estilístico estranho ao autor, que não corresponde à con-cepção-do-mundo que é a dele."⁵

Em 1967, ao se ocupar de "Cara-de-bronze" em "A viagem do Grivo", o estudioso, retomando aspectos já evidenciados em trabalhos anteriores, define este conto como uma síntese da poética rosiana: "Tematização do motivo da viagem, estrutura poli-mórfica, horizonte mítico-lendário são, pois, os aspectos marcantes que fazem desse conto uma composição exemplar, verdadeira síntese da concepção-do-mundo de Guimarães Rosa, onde certas possibilidades extremas de sua técnica de ficcionista se concretizam.

Em outros trabalhos, dedicar-se-ia o ensaísta a outras obras como *Tutaméia* e às implicações filosóficas de *Grande sertão: veredas*. Sobre esse último aspecto, em *A matéria vertente* (1983), ponderou:

Uma abordagem filosófica de *Grande Sertão: Ve-redas*, como a que tentamos fazer aqui, recai dentro do problema mais geral das relações entre filosofia e literatura. § O que pode a filosofia conhecer da literatura? Tudo quanto interessa à elucidação do poético, inerente à lingua-gem, e portanto, tudo quanto se refere à simbolização do real nesse domínio. Essa resposta, num trabalho anterior, baseou-se na idéia de que não há um método filosófico específico para a análise literária, em concorrência com os da Teoria da Literatura, que assentam, contudo, em pres-supostos filosóficos, quaisquer que sejam os campos científicos de que se originam.⁶

Grande parte dos trabalhos aqui referidos foi republicada em livros organizados pelo autor ou por outrem: O dorso do tigre (1969 e 1976), Teoria da Literatura em suas fontes (2. ed., 1983), Seminário de ficção mineira II (1983), O livro do seminário (1983), Guimarães Rosa (1991), Crivo de papel (1998), Veredas no sertão rosiano (2007). Como se trata de livros muito conhecidos e debatidos pela crítica especializada, propõe-se uma breve referência ao primeiro texto rosiano escrito por professor Benedito Nunes em 1957: "Primeira notícia sobre Grande sertão: veredas", estampado no Jornal do Brasil, de 10 de fevereiro de 1957.

O artigo de 1957, lido em confronto com a tradição crítica que se formou em torno de Guimarães Rosa na última década, põe em foco o vínculo entre Guimarães Rosa e Mário de Andrade. Além disso, discutem-se a linguagem, o processo narrativo, o problema do gênero, entre outros aspectos.

Para estabelecer a peculiaridade da linguagem rosiana, Benedito Nunes cita um trecho de Euclides da Cunha:

Estiram se então planuras vastas. Galgando as pelos taludes, que as soerguem dando lhes a aparência exata de tabuleiros suspensos, topam se, a centenas de metros, extensas áreas ampliando se, boleadas, pelos quadrantes, numa prolongação indefinida, de mares. É a paragem formosíssima dos campos gerais, expandida em chapadões ondulantes – grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros...⁷

⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 200-201.

⁶ NUNES, Benedito. A matéria vertente. In: — et al. Seminário de ficção mineira II. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1983. p. 9.

OUNHA, Euclides da. Os Sertões. Ed. Crítica. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 34.

O texto rosiano apresenta-nos em uma "nar-ração inteiriça" e oscila, abandonando-se a língua culta, entre dialeto regio-nal e criação arbitrária. A inovação introduzida pelo autor mineiro se justifica esteticamente pela "necessidade irrecorrível, exigida pela natureza do próprio romance, cuja tra-ma, situações e personagens demandavam forma especial de tratamento."8

No que diz respeito à técnica narrativa, Benedito Nunes apoia-se no conceito de discurso livre para explicar a autonomia do narrador em relação ao romancista

Ele não é, entretanto, o narrador controlado pelo romancista que, em geral, quando adota este recurso de fa-zer com que o personagem exponha os acontecimentos ou as próprias idéias, não desaparece atrás de sua criação e com ela não se confunde. Mas, nesse romance, o autor quis se enredar num problema dificílimo de técnica. Como permitir que Riobaldo falasse, num **discurso livre**, ele mesmo contando a sua história, sem desfigurar-se a condição humana do sertanejo, inculto, mas extremamente sensível, ligado ao mundo pelo constante pelejar, com um código moral diferente do nosso, sem dúvida e, ainda, com seu linguajar próprio, limitado, regional? ⁹

A relação Mário de Andrade vs. Guimarães Rosa – depois retomada por Mary Daniel e outros intérpretes – é um dos eixos do artigo de 1957. O linguajar do sertão se transforma em linguagem artística, em estilo, resolvendo o problema do regionalismo, debatido desde a recepção crítica primeira de *Sagarana*.

Sob esse, aspecto, o processo de Guimarães Rosa não é novo. Mário de Andrade em *Macunaíma* fez, guardadas as proporções, o mesmo, for-jando uma língua que reuniu várias moda-lidades linguísticas existentes no país; en-trosou os termos de origem indígena aos de origem africana, alterou a sintaxe, deu vi-gor literário às expressões familiares e de gíria.¹⁰

Assim, relacionando, de modo original, a linguagem ao tema, às situações e aos personagens, fazendo desta "instrumento psicológico", cuja intensidade garante a unidade da obra e o seu "poder expressivo que confina com a poesia".

Não se limitando a uma gesta do sertão, *Grande sertão: veredas* ultrapassa o âmbito regional, pois no drama do sertanejo ou do jagunço, "irrompem os grandes problemas humanos – seja a luta do homem contra natureza que o estimula e o abate ao mesmo tempo, seja o ímpeto do jagunço que se põe em armas para defender uma causa indefinível, adota a lei da guerra menos pela rudeza de seu espírito do que pela necessidade de viver e de realizar o seu destino."¹¹

Antecipando tanto leituras sociológicas quanto esotéricas da obra-prima rosiana, Benedito Nunes postula uma interpretação "espiritual" da terra e do povo que nela vive. Os fatores mesológicos, sociais e históricos, na mesma linha do conceito de reversibilidade de Antonio Candido, tomam a forma de um problema mais amplo (O Diabo existe ou não? O que leva o homem à crueldade e à violência?). Ademais, o crítico refere a presença, no texto, de "expressões acordes com a tradição do misticismo – tanto no oriente como no ocidente". Entre essas, cite-se: "Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente,

NUNES, Benedito. Primeira notícia sobre Grande Sertão: Veredas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 fev. 1957.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ NUNES, Benedito. Primeira notícia sobre *Grande sertão: veredas. Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1957.

¹¹ Idem, ibidem.

de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas não são de verdade" (GSV, 1956, § 146).

Em consonância com a crítica estilística, dominante na década de 1950, o estudioso aponta a saturação de elementos pitorescos na linguagem de *Grande sertão: veredas*, a fim de defender um estilo afim do poético, dada a sua peculiar configuração rítmica, algo que Oswaldino Marques já fizera para o obra até então publicada por Guimarães Rosa:

Mas quase sempre o estilo é extremamente poético. A prosa tem ritmo: é célere ou lenta conforme a situação exige. [...] Mas raras são as mudanças do léxico e da sintaxe que não correspondam a uma contorsão necessária, para dilatar o poder expressivo da linguagem. E assim, carregada de expressividade, essa linguagem é de um modo geral eficiente. Ela serve de veículo emocional. Transmite-nos o con-teúdo de uma vida diferente da nossa, põe-nos em contato com a substância humana outros indivíduos, afetados por condi-ções que não conhecemos. Mas devido mesmo à comunicação emotiva que se estabe-lece, participamos de seus problemas, de suas lutas, alegrias e aflições. 12

Ao lado das deficiências, entre elas o abuso de desarticulações sintáticas, contrações e elipses, o crítico salienta, no livro tumultuoso e imenso, episódios hoje consagrados pela crítica brasileira e estrangeira: o amor de Riobaldo por Diadorim, a morte dos cavalos assassinados pelos cangaceiros, o encontro da tropa de jagunços com os catrumanos, as lembranças tumultuosas de Riobaldo, os últimos combates entre os dois bandos que dividiam o domínio dos "gerais" e a descoberta de que Dia-dorim é mulher e não homem.

Como se viu, o artigo de 1957, lançado às páginas do *Jornal do Brasil*, onde já atuava Mário Faustino, embora datado e ligado a circunstâncias diversas, insere-se na tradição crítica rosiana, tanto pelas vias abriu, como a aproximação com Mário de Andrade, quanto pela retomada de perspectivas já em consolidação, como a via da crítica estilística de um Oswaldino Marques e de um Cavalcanti Proença. A esse primeiro trabalho, viria somar-se um conjunto de textos que, malgrado a modéstia de nosso homenageado, mudaram definitivamente a leitura crítica do maior romancista brasileiro do século XX.

REFERÊNCIAS

ARTIGOS

NUNES, Benedito. Primeira notícia sobre "Grande Sertão: Veredas". *Jornal do Brasil*, 10 fev. 1957.

NUNES, Benedito. Guimarães Rosa e tradução. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, 14 set. 1963.

NUNES, Benedito. O menino. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, v. 7, n. 316, p. 4, 2 fev. 1963.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. Revista do Livro, Rio de Janeiro, v. 7, n. 26, p. 39-62, set. 1964.

¹² NUNES, Benedito. Primeira notícia sobre *Grande sertão: veredas. Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1957.

NUNES, Benedito. Guimarães Rosa e tradução. *Leitura*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 94-95, p. 40-2, maio-jun. 1965.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, v. 9, p. 2-3, 27 de mar. 1965.

NUNES, Benedito. A Viagem. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, v. 10, n. 509, p. 6, 24 dez. 1966.

NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, 10 de jun. 1967. p. 3.

NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, 17 de jun. 1967. p. 5.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. *Minas Gerais. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 2, n. 65, p. 7, 25 nov. 1967.

NUNES, Benedito. Interpretação de *Tutaméia*. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, v. 11, n. 543, 2 set. 1967.

NUNES, Benedito. Guimarães Rosa em novembro. *Minas Gerais. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 3, n. 117, p.1, 23 nov. 1968.

NUNES, Benedito. A Rosa o que é de Rosa. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, v. 13, n. 619, p. 6, 22 mar. 1969.

NUNES, Benedito. Aspetti della prosa brasiliana contemporanea. *Aut Aut*, Milano, n. 109-110, p. 116-123, Gennaio-Marzo 1969.

NUNES, Benedito. Gênese e estrutura. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário, São Paulo, v. 13, n. 642, 20 nov. 1971.

NUNES, Benedito. A viagem do Grivo. *Minas Gerais. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v. 9, n. 398, p. 4-5, 6 abr. 1974.

NUNES, Benedito. Literatura — filosofia: análise de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. *Cadernos/PUC*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 7-24, 1976.

NUNES, Benedito. *Grande sertão: veredas*: uma abordagem filosófica. *Bulletin des études portugaises et brésiliennes*, Paris, ADPF, n. 44-45, p. 389-404, 1985.

NUNES, Benedito. Ensaio re-vela lado esotérico de Rosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 set. 1994.

NUNES, Benedito. Leitura filosófica de Guimarães Rosa. Arquivo Suplemento Literário de Minas Gerais — SEC, n. 19, p. 20-2, nov. 1996.

NUNES, Benedito. Leitura filosófica de Guimarães Rosa. *Minas Gerais, Suplemento Literário*, Belo Horizonte, p. 20-22, nov. 1996.

NUNES, Benedito. O mito em *Grande sertão: veredas. Scripta.* Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 33-40, 1997.

NUNES, Benedito. O mito em *Grande sertão: veredas. Scripta.* Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 33-40, 2.º sem. 1998.

NUNES, Benedito. O mito em *Grande sertão: veredas. Moara.* Belém, n. 14, p. 9-19, jul./dez. 2000.

NUNES, Benedito. O autor quase de cor: rememorações filosóficas e literárias. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, ns. 20-21, p. 236-244, dez. 2006.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa *Asas da Palavra*, Belém, v. 10, n. 22, p. 71-85, 2007.

LIVROS

NUNES, Benedito. O dorso do tigre. São Paulo: Perspectiva, 1969. 278 p.

NUNES, Benedito. O dorso do tigre. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. 279 p.

NUNES, Benedito. Prefácio. In: ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da linguagem no Grande Sertão*: leitura dos elementos esotéricos na obra de Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977. p. 13-15.

NUNES, Benedito. Literatura e filosofia. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas fontes.* 2.. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 1, p. 188-207.

NUNES, Benedito. A matéria vertente. In: — et al. *Seminário de ficção mineira II*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1983. p. 9-39.

NUNES, Benedito. O romance. In: *O livro do seminário*; Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. São Paulo: LR Editores, 1983. p. 43-70.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 144-169.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1, p. 112-141.

NUNES, Benedito. De *Sagarana* a *Grande Sertão: Veredas*. In: *Crivo de papel.* São Paulo: Ática, 1998. p. 247-262

NUNES, Benedito. Bichos, plantas e malucos no sertão rosiano. In: SECCHIN, Antônio Carlos et alii. *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 19-28.

OUTROS AUTORES

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Ed. Crítica. São Paulo: Brasiliense, 1985. 728 p.

